



# Arabia Brasilica



ALBERTO SISMONDINI

# Sumário

Agradecimentos .....	11
Introdução .....	13
Capítulo 1. Líbano e Brasil .....	19
1.1. <i>O Líbano: um país em imagens</i> .....	19
1.2. <i>De “turcos” pobres a sírios remediados e libaneses ricos:         representação e fenomenologia de uma emigração</i> .....	34
1.2.1. Mito e ascensão aos infernos: Šafīq Maʿlūf e Rilke . . . .	49
1.2.2. Epifanias poéticas da memória .....	56
1.2.3. <i>Nūr na Escuridão</i> , a Jāliya se torna romance .....	59
1.2.4. A língua árabe na mente: Alberto Mussa e Michel Sleiman .....	61
1.3. <i>Os “turcos” e suas representações na literatura brasileira:         Guimarães Rosa, Drummond e Jorge Amado</i> .....	63
1.4. <i>A emigração libanesa contada ao Brasil: Ana Miranda e         Amrik</i> .....	70

Capítulo 2. Entre oralidade e fontes literárias: transmissão da tradição e intertextualidade . . . . .	73
2.1. <i>As peculiaridades libanesas na narração oral tradicional</i> . . . . .	75
2.2. <i>Fontes literárias e suas integrações nos textos analisados.</i>	
<i>As Mil e Uma Noites e suas representações intertextuais</i> . . . . .	86
2.2.1. Milton Hatoum e o exemplo de Šāhrazād . . . . .	95
2.2.2. As volúpias barmécidas de Raduan Nassar . . . . .	107
2.2.3. Poesia, prosa, temas e retomadas estilísticas em Amin Maalouf . . . . .	111
2.2.4. Atos impuros: <i>As Mil e Uma Noites</i> e o imaginário erótico . . . . .	113
2.3. <i>A Pérsia na memória</i> . . . . .	117
2.4. <i>Les Cris de Paris: pré-textos de literatura francesa em Nassar e Hatoum</i> . . . . .	125
2.4.1. Que André? O filho pródigo de Nassar via Gide. . . . .	126
2.4.2. Geometrias e espaços de Robbe-Grillet a Nassar . . . . .	129
2.4.3. Hatoum e Flaubert . . . . .	132
Capítulo 3. O impulso dos preteridos . . . . .	139
3.1. <i>Atopias</i> . . . . .	139
3.2. <i>Fascínio pelo horror: o incesto</i> . . . . .	140
3.3. <i>Exilados, rejeitados</i> . . . . .	150
Bibliografia . . . . .	155

## Introdução

Surge, nestas páginas, um estudo dedicado a alguns autores brasileiros de origem libanesa. Às três Arábias do mundo clássico acrescenta-se, então, uma *Arabia Brasilica*. Os autores considerados são Salim Miguel, jornalista e escritor, que transforma em romance (*Nūr na Escuridão*) a história de sua família, marcada pela diáspora; Milton Hatoum, nascido na Amazônia e cantor de Manaus com *Relato de um Certo Oriente* e *Dois Irmãos*; Raduan Nassar, autor de poucos livros, mas de grande destaque na literatura brasileira dos últimos trinta anos, aqui presente com *Lavou-ra Arcaica* e *Copo de Cólera*.

Esses nomes tão exóticos têm sua origem numa cultura contida num espaço surpreendentemente reduzido, ou seja, naquela porção do Mar do Levante que é denominada, geograficamente, Líbano. Essa região é um microcosmo feito de culturas e nacionalidades diferentes, obrigadas, há anos, a um relacionamento frequentemente dialético e baseado na convivência, ao qual corresponde, do outro lado do mundo, um macrocosmo extenso tanto quanto a Europa, denominado Brasil.

Desde o final do século XIX, milhares de emigrantes libaneses percorreram o litoral brasileiro, avançando, posteriormente, em direção aos

planaltos do interior e às florestas pluviais, dedicando-se, inicialmente, ao comércio ambulante e indo morar nos lugares mais recônditos daquele país imenso. Portanto, a sociedade brasileira adquiriu, além dos diversos substratos europeus, africanos e índios, também o Oriente mediterrâneo. O passaporte de chegada dos primeiros emigrantes, na época ainda súditos do Império Otomano, fez com que fossem chamados “turcos”. As capacidades desse grupo, geralmente já alfabetizado, possibilitaram logo o surgimento de uma produção literária em árabe, apreciada no país de origem, ao passo que, no Brasil, com exceção da comunidade sírio-libanesa, passa quase despercebida.

A atividade empresarial e a aquisição consequente de certa prosperidade criaram as condições para que os filhos e os netos dos primeiros emigrantes pudessem frequentar a universidade, podendo ter acesso a profissões essenciais na vida social brasileira. É relevante o número de escritores pertencentes a uma comunidade que alcançou, com seus descendentes, cerca de seis milhões de integrantes. Personagem altamente visível e socializante por estar ligado ao comércio e por fazer parte de uma comunidade permeável, predisposta a casamentos interconfessionais e interculturais, o “turco” torna-se um ponto de referência da cultura popular e objeto de atenções tanto nos folhetos humorísticos, que salientam os aspectos que definiríamos “levantinos”, ou seja, espertalhões, junto com os italianos definidos como “carcamanos”<sup>1</sup>, ou os portugueses, chamados “portugas”, como também em um ciclo narrativo que vai dos romances populares às novelas televisivas, até assumir *status* diegético nos grandes painéis romanceados de Jorge Amado, onde são promovidos a protagonistas no conto “A Descoberta da América pelos Turcos”.

O Líbano é o país onde sempre se inspirou o imaginário ocidental, desde as primeiras noções escolares dedicadas aos fenícios, um povo que

1. No Brasil, os comerciantes italianos eram considerados pouco honestos por seu costume de *calcare la mano*, ou seja, pressionar a mão na balança. Antônio de Alcântara Machado, em suas *Novelas Paulistas*, apresenta a rima “Caracamano pé de chumbo / calcanhar de frigideira / quem te deu a confiança / de casar com Brasileira?”, Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.

exportava sua civilização por meio do comércio e que foi progenitor daquela Cartago definida como inimiga irredutível de Roma. As Cruzadas e os anseios de Jauffré Rudel e seu *amour de loin*, cujo trágico epílogo tem como cenário Trípoli, estão associados ao Orientalismo posterior, dominante até hoje.

As imagens mundanas um pouco desbotadas do segundo pós-guerra precedem aquelas, infelizmente ainda atuais, de um conflito civil terrível e de uma paz ainda hoje frágil, que busca livrar um povo do caos e da irracionalidade ferina de numerosas “Identidades assassinas”, como as define Amin Maalouf. Os últimos acontecimentos alimentaram uma nova diáspora de diversas personagens ligadas à informação e à literatura, que se espalharam pela Europa e pelo mundo.

O Líbano sempre foi apresentado pela Europa como campeão da francofonia, forma linguística que conquistou um espaço próprio num território essencialmente de língua árabe e que foi escolhida por diversos autores locais como forma de expressão, tornando-se, assim, uma ponte cultural entre o Oriente e o Ocidente.

Os temas da presente pesquisa estão centralizados em algumas características comuns aos autores brasileiros de origem médio-oriental, mas abordaremos também suas afinidades eventuais com textos de escritores libaneses de expressão francesa, recursos preciosos para uma investigação que, do contrário, seria impossível. Um dos autores em questão é Farjallah Haïk, que está entre os primeiros (de expressão francófona) que foram recebidos favoravelmente pela crítica parisiense, desde os anos 1940. Serão considerados seus textos da trilogia *Les Enfants de la Terre*, que o revelaram para a crítica da metrópole, e o romance *L'Envers de Caïn*, que recebeu a aprovação de Camus, além do romance *Joumana*.

Os outros dois autores eram jornalistas. Sélim Nassib fez sucesso com a elaboração romanceada da biografia de Umm Khalthumm (*Oum*), a estrela da música egípcia do século XX, mas, neste trabalho, serão analisados, principalmente, elementos extraídos de *Clandestin*, *L'Homme Assis* e *Fou de Beyrouth*.